

Álbum de Família

**TEXTO:
MARIA JOANA TONON**

**APOIO TÉCNICO – FOTOGRAFIA:
JOSÉ CARLOS TONON**

Campinas, 13 de Setembro de 2011

ÁLBUM DE FAMÍLIA

INTRODUÇÃO

Esse trabalho, sem pretensões de pesquisa científica, foi uma iniciativa ocorrida no ano passado, quando, após o Natal com a família e muitas fotografias tiradas, foi-nos sugerido fazer um álbum com fotografias antigas.

Iniciamos uma busca dessas fotos nas casas de todos os tios, além do levantamento da história de nossos antepassados: quem eram, de onde vieram, o que faziam e como viviam. Sabíamos que JOSÉ FORTI e REGINA VACCARI eram de descendência italiana. Todos os nossos parentes, buscando nos recônditos da memória, começaram a falar de suas lembranças de infância, resultando nesse simples e prazeroso trabalho. Acrescentamos às fotos antigas, fotos nossas, de alguns anos atrás e outras bem recentes. Contamos também com a ajuda da Internet, especialmente do Memorial do Imigrante e do arquivo pessoal de Valter Vacario, transformado, após muitas pesquisas, em site da FAMILIA VACCARO. Sobre a origem dos FORTI, iniciamos à pouco as pesquisas no Cartório de Pratânea.

UM POUCO DE HISTÓRIA NA ITÁLIA

Que coisa entendeis por uma Nação, Senhor Ministro?

É a massa de infelizes?

Plantamos e ceifamos o trigo, mas nunca provamos o pão branco.

Cultivamos a videira, mas não bebemos o vinho.

Criamos animais, mas não comemos a carne.

Apesar disso, vós nos aconselhais a não abandonarmos nossa pátria?

*Mas é uma pátria a terra em que não se consegue viver do próprio trabalho?*¹

A imigração italiana para a América constituiu-se num dos maiores acontecimentos do mundo contemporâneo, tendo sido provocada por diversos fatores. Um deles, comum em toda a Europa, foi um grande crescimento demográfico ocorrido entre o começo do século XIX e o início do seguinte,

¹ Resposta de um italiano a um Ministro de Estado de seu país a propósito das razões que estavam ditando a imigração em massa. Abertura do site “Imigração Italiana”: [www. Imigrantesitalianos.com.br](http://www.Imigrantesitalianos.com.br).

quando os 190 milhões saltaram para 430 milhões de habitantes.² Se muitos camponeses viviam sem emprego e sem perspectiva de vida, outros cultivavam a terra dos “*siori*”, senhores nobres e ricos, proprietários de grandes extensões de terra. Os “*contadini*”, como eram chamados os camponeses, passavam para filhos e descendentes a triste sina de nunca poder cultivar a própria terra, pois entre eles não existiam leis, preços ou prazos para o arrendamento da terra. Eram comuns, portanto, grandes conflitos existirem, levando os “*contadini*” a sempre cantarolar: *L'Italia è ammalata e spedita dai dottôri. Per guariri l'Itàlia bisogna tagliarghe la testa ai siori*”.³

Outro grande fator foram as sangrentas lutas ocorridas pela unificação do território italiano após 1815, insuflando cada vez mais a organização de movimentos nacionalistas de caráter liberal em muitas regiões não só da Itália, mas do continente europeu. Isso ocorreu após a derrota de Napoleão Bonaparte em 1814, quando as grandes potências européias, especialmente Inglaterra, Rússia, Áustria e Prússia, procuraram restabelecer o equilíbrio continental baseando-se no princípio da legitimidade, que era a restauração das monarquias e dos governos anteriores a Revolução Francesa e a volta das fronteiras européias antes de 1789. Essas decisões foram tomadas no Congresso de Viena em 1815.⁴

O fim do processo de unificação italiana só ocorreu em 1870, quando Roma tornou-se a capital da Itália unificada. O território italiano já tinha então a configuração que tem nos dias atuais. A única exceção eram os territórios de Trentino e Ístria, que permaneceram sob o domínio austríaco até 1919.

Se, por um lado, a unificação política italiana colocou a país em melhor situação frente aos seus poderosos vizinhos europeus, pois unificaram impostos e mercados, favorecendo especialmente as áreas industrializadas do norte, por outro, trouxe a perda de um mercado mais poderoso, o da Áustria, que influiu na colocação do produto agrícola e na mão-de-obra disponível, complicando ainda mais a situação da população do norte da Itália, região de onde saiu a maior parte dos imigrantes para a América. Para a população pobre do sul, basicamente agrária e pouco

² PAZZINATO, Alceu Luiz, SENISE, Maria Helena V. *História Moderna e Contemporânea*. São Paulo: Editora Ativa, 1993, p. 186-9.

³ “*A Itália está doente e desenganada pelos médicos. Para curar, salvar a Itália é necessário cortar a cabeça dos ricos*”. A imigração italiana no Brasil

⁴ A Península Itálica ficou assim dividida: Norte: constituído por três blocos distintos: Bloco Oriental formado pelos reinos de Milão e Veneza, sob o domínio direto do Império Austríaco; Bloco Central formado pelos ducados de Parma (ligado aos Bourbon, da Sicília), Módena, e Toscana (ligados aos austríacos); Bloco Ocidental formado pelo Reino do Piemonte-Sardenha, governado pela casa de Savóia; Centro: Estados Pontifícios, sob o domínio do papa; Sul: Reino das Duas Sicílias (capital Nápoles), governado pela casa espanhola dos Bourbon.

desenvolvida, a situação tornou-se ainda mais difícil. A miséria de grande parte dos habitantes foi responsável pela última onda migratória europeia em fins do século XIX rumo as Américas.⁵

Mas, porque eram sobretudo vênetsos os viajantes que desembarcaram no Brasil até a virada do século? É importante observar que o fluxo migratório ocorrido pela maioria das pessoas do norte do país também era resultado de muita miséria nos campos de uma Itália recém unificada, devido as más colheitas feitas na década de 1880. Mas, não era só isso, pois, as epidemias que sempre rondaram a Europa, atingiu a Itália em 1886, despovoando quase que por inteiro a área do Montello, em Treviso, fazendo milhares de vítimas de varíola. Para se consolarem, diziam muitos imigrantes que pensavam em fechar para sempre as portas de suas casas, que bastava sobreviverem ... *este ano. Se tudo der errado, não me importo, vou já para a América.*⁶

A ITÁLIA DE HOJE

O artigo 1º da Constituição italiana (Princípios Fundamentais) define a Itália como uma República Democrática, baseada no trabalho. De ponto de vista sócio-político administrativo, a República divide-se em Regiões, Províncias e Municípios. São entidades autônomas, com poderes e funções próprias, de acordo com os princípios fixados na Constituição. São vinte (20) as Regiões da Itália, aqui relacionadas com suas respectivas Províncias:

PIEMONTE. Províncias: Torino, Alessandria, Asti, Cuneu, Novara e Vercelli.

VALLE D'AOSTA. Província: Aosta.

LOMBARDIA. Províncias: Milano, Bergamo, Brescia, Como, Cremona, Mantova, Pavia, Sondrio e Varese.

LIGURIA. Províncias: Genova, Imperia, La Spezia e Savona.

VENETO (1.581 comuni): Províncias: Venezia (44 comuni), Belluno (69 comuni), Padova (104 comuni), Rovigo (50 comuni), Treviso (95 comuni), Verona (98 comuni) e Vicenza (121 comuni).

TRENTINO – ALTO ADIGE. Províncias: Trento e Bolzano.

FRIULI – VENEZIA GIULIA. Províncias: Trieste, Gorizia, Pordenone e Udine.

EMILIA – ROMAGNA. Províncias: Bologna, Ferrara, Forli, Modena, Parma, Piacenza, Ravenna e Reggio Nell'Emilia.

⁵ Com a ocupação sucessiva de muitos exércitos, as guerras pela unificação do território italiano trouxeram também outros males: danos à propriedade, desrespeito à dignidade da família e a devastação de grandes plantações.

⁶ Informações extraídas dos levantamentos elaborados por José Carlos SUMAN, sobre as Famílias BUZANGA e SUMAN, fornecidas a mim em julho de 2011.

TOSCANA. Províncias: Firenze, Arezzo, Grosseto, Livorno, Lucca, Massa Carrara, Pisa, Pistoia e Siena.

MARCHE. Províncias: Ancona, Ascoli Piceno, Meccerata e Urbino.

UMBRIA. Províncias: Perugia e Terni.

LAZIO. Províncias: Frosinone, Latina, Tieti, Viterbo e Roma.

ABRUZZO. Províncias: L'Aquila, Chieti, Pescara e Teramo.

MOLISE. Províncias: Campobasso e Isernia.

CAMPANIA. Províncias: Napoli, Avelino, Benevento, Caserna e Salerno.

PUGLIA. Províncias: Bari, Brindisi, Foggia, Lecce e Taranto.

BASILICATA. Províncias: Potenza e Matera.

CALABRIA. Províncias: Catanzaro, Cosenza e Reggio Calábria.

SICILIA. Províncias: Palermo, Agrigento, Caltanisseta, Catania, Enna, Messina, Regusa, Siracusa e Trapani.

SARDEGNA. Províncias: Cagliari, Nuoro, Oristano e Sassari.

A IMIGRAÇÃO PARA A AMÉRICA ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX:

Nell'America che siamo arrivati,

Non abbiám trovato nè paglia, nè fieno.

abbiám dormito sul suolo, al sereno,

come le bestie abbiám riposà.

E con la industria dei nostri italiani

E con lo sforzo dei nostri paesani

Nel frattempo de pochi anni

Abbiám formato paese e città.”⁷

Com a falta de mão-de-obra na lavoura brasileira pela proibição do tráfico de escravos (Lei Eusébio de Queiroz - 1850), o Governo Imperial e grandes fazendeiros iniciaram pela Europa,

⁷ “Na América onde chegamos/ Não encontramos nem palha, nem feno/ Dormíamos no chão, ao sereno,/ Como animais haviam repousado./ E com o engenho dos nossos italianos,/ E com o esforço dos nossos patrícios,/ em poucos anos construímos cidades e países.” Esta música era cantada pelos imigrantes, enquanto trabalhavam na lavoura ou mesmo nas incipientes fábricas do início do século XX.

principalmente na Itália, uma campanha maciça, com o objetivo único de arregimentar trabalhadores, prometendo grandes vantagens e garantia de trabalho agrícola, nem sempre reais.

Na Itália, a existência da miséria e a falta de esperança da população. No Brasil, o país da abundância de trabalho os levaria a libertação da fome e da pobreza secular. E melhor: à posse da terra que as autoridades brasileiras diziam que seria outorgada aos que aceitassem vir para cá. Este era o sonho.

A necessidade da emigração tornou-se tão vital na Itália, que mereceu de um escritor da época a seguinte afirmação: “*A emigração é uma necessidade para a Itália. Precisamos que partam de 200 a 300 mil indivíduos por ano, para que possam encontrar trabalho os que ficarem*”. Foi sentindo o sofrimento na carne e acalentando no coração o sonho de fartura que deu início a grande leva de imigrantes rumo ao “*paraíso*”. Levavam com eles a esperança de “*fazer a América*”.

Nas casas rústicas e nos campos italianos abandonados pelos imigrantes, restavam muitas vezes, apenas os velhos ou os doentes, impossibilitados de partir por saberem que não resistiriam a dureza da viagem. Era preciso escolher entre esperar a morte na terra natal ou render-se a ela em alto mar. A região do Vêneto foi a que mais forneceu imigrantes para o Brasil, seguidos pela Lombardia, Calábria, Campânia, Toscana, Emilia-Romagna, Abruzzo, Molise e Úmbria. Muitas vilas do Vêneto chegaram à total extinção na época.

Assinalando o início da primeira grande prova, os imigrantes se locomoveram de diversos lugares, a pé ou de trem até os portos de embarque, como: Gênova, Trieste, Veneza, Palermo, Nápoles e Livorno. Em seguida, enfrentaram a ansiedade do embarque, a acomodação das crianças e das tralhas no vagão lotado, a apito do chefe e a marcha do trem rumo ao oeste, na direção do desconhecido. Era o último adeus à imponente terra dos céares, à qual poucos tornariam. Se a embarcação fosse a vapor, navegavam pelos mares cerca de 30 ou 40 dias. O embarque em veleiros nos primeiros anos, e depois em vapores, introduzia os camponeses em um novo mundo. Conforme escreveu de Amicis em *Sull’Oceano* (1889), “*era toda uma Itália à proa*”.

Entre os navios que para cá vieram podemos citar: *Navio Fenelon*: chegou em 27.12.1875; *Vapor Maria*: chegou no dia 16.04.1885 em Santos, proveniente de Genova, contendo um total de

933 etnicamente italianos.⁸ A maioria de seus imigrantes dirigiu-se para a cidade de São Carlos (SP); *Vapor Cenísio*: partindo de Gênova, chegou ao Rio de Janeiro (parou na Ilha das Flores, para quarentena) em 27.11.1886; *Navio Duca de Galliera*: chegou ao Rio de Janeiro em 13.10.1890; *Navio Adria*: constituído por italianos e austríacos, chegou ao Rio de Janeiro em 31.12.1890; *Navio Victoria* : chegou ao Porto de Santos em 16.07.1891; *Navio Caffaro* saiu de Gênova em 9.9.1891 e chegou à cidade de Santos em 05.10.1891; *Vapor Santa Fé*: chegou a Santos em 17.10.1891. Entre as 132 famílias desse vapor estavam: Gaffo, Gallo, Borsato, Maziero, Menegon, Modenesi, Tonin, Veronesi; *Navio Colombo*: saiu de Gênova em outubro e chegou ao Rio de Janeiro em novembro de 1894; *Navio Rosário*: chegou no dia 06.02.1895 em Vitória, no Espírito Santo. Estas são algumas datas, mas, os mesmos navios partiram da Itália em outras ocasiões, por anos à fio. Muitas destas companhias de navegação, ligadas aos grandes capitalistas, acabaram fazendo fortuna com a imigração europeia.

Os aspectos negativos da viagem por mar não eram poucos e iam desde a falta de higiene aos altos índices de mortalidade, principalmente infantis, determinados pelos desconfortos, fome e epidemias a bordo, principalmente de varíola que quase sempre vitimava velhos, crianças e muitos recém-nascidos. Os que morriam durante a viagem, tinham seus corpos lançados nas águas frias do oceano. Em algumas situações não faltou desgraça maior – o naufrágio, como ocorreu com o vapor “*Sírio*”.

Os imigrantes italianos ocupavam a terceira classe dos navios e à noite permaneciam amontoados, separados por sexo. Homens de um lado e mulheres com bebês de outro. Alguns navios conduziam bois para serem sacrificados e a carne era consumida durante a viagem. Pela falta de conservação adequada, a carne transformou-se muitas vezes, em veículo de contaminação de epidemias entre os viajantes. Trágicas notícias trouxeram dois navios quando chegaram ao Brasil em 1888 – o *Matteo Bruzzo* e o *Carlo Raggio*: 52 pessoas haviam morrido de fome.

Para receberem os imigrantes haviam sido criadas no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, edificações denominadas *Hospedaria de Imigrantes*. Dos estrangeiros que vieram para cá, a maioria era de origem europeia, mas haviam também árabes e japoneses (a partir de 1908). Entre as hospedarias mais importantes estavam as: de São Paulo (SP); Horta Barbosa - de Juiz de Fora (MG); de Campinas (SP); da Casa dos Imigrantes - Ilha das Flores (RJ); do Pinheiro (RJ); da Pedra d'Água – Vitória (ES); de Alfredo Chaves (ES); Saco do Padre Inácio – Florianópolis (SC);

⁸ Apesar de serem italianos, muitos habitavam terras pertencentes ao governo austríaco.

de Santos (SP); de Outeiro - Belém (PA).⁹ No Estado de São Paulo, a imigração italiana iniciou-se no ano de 1870, quando para cá vieram os primeiros colonos vênnetos e lombardos, contratados para o trabalho na lavoura de café. A grande maioria desembarcava em Santos, após cansativa viagem. Os estrangeiros subiam a Serra do Mar nos trens da São Paulo Railway, desembarcando na estação ferroviária junto à plataforma da *Hospedaria de Imigrantes*, em São Paulo.

Na hospedaria tinham seus nomes registrados em livro próprio, contendo dados complementares como data de chegada, proveniência e destino. Ali, recebiam alimentos e hospedagem. No dia seguinte, após a vacinação e rigorosa inspeção de saúde, dirigiam-se ao anexo da hospedaria, na Agência Oficial de Colonização e Trabalho, onde eram firmados contratos de trabalho. A Hospedaria era, portanto, o mercado de mão-de-obra: os preços subiam quando a procura era grande e os fazendeiros faziam concorrência entre si; caso contrário, os preços baixavam. Era nesta hora que os estrangeiros viam-se diante de duas alternativas: trabalhar como colonos nas fazendas de café do interior de São Paulo ou receber uma carta de colonização do governo para serem encaminhados aos núcleos coloniais do sul do Brasil.¹⁰ Feito isso, as famílias se preparavam para seguir seus destinos.

É importantes lembrar que era comum imigrantes chegarem doentes depois da longa viagem. Nestes casos, eles ficavam de quarentena antes de seguirem viagem. A Hospedaria de Imigrantes de São Paulo teve um hospital, situado no imenso complexo no bairro da Mooca. Dispunham de intérpretes de várias nacionalidades possibilitando muito a comunicação entre eles.

Para termos uma vaga idéia da quantidade de imigrantes italianos que entraram no Brasil entre 1882 e 1891, comparados a outras nacionalidades, seguem alguns dados interessantes: italianos – 202.503; portugueses - 25.925; espanhóis – 14.954 e alemães - 6.196. Paralelamente à mão-de-obra agrícola, vieram também imigrantes detentores de algum capital e com diversas qualificações de trabalho, como barbeiros, alfaiates, sapateiros, carpinteiros, encanadores, pedreiros, artesãos, gráficos, etc. Depois de 1900, começaram a chegar mais imigrantes que se fixaram nos centros urbanos, como operários e comerciantes. Eram tantos que, em 1920 falavam-se mais o idioma italiano que o português na cidade de São Paulo. Em 1942, por ocasião da Segunda Grande Guerra, o Brasil aliou-se aos Estados Unidos, Inglaterra, Rússia e França contra o eixo Berlim-Tóquio-

⁹ http://pt.wikipedia.org/wiki/Hospedaria_de_imigrantes.

¹⁰ O Decreto do Governo Imperial nº 6.129, de 23.02.1886 criou a Inspeção Geral de Terras e Colonização, prevendo o bem estar do imigrante. Para dar infra-estrutura de suporte criou-se a Hospedaria do Imigrante que deveria dar condições adequadas de alimentação e hospedagem na chegada ao Brasil. Os livros de registros que integram o acervo do Museu Histórico do Imigrante constituem-se em preciosa fonte de pesquisa e informação.

Roma. Com essa nova situação, os imigrantes e descendentes italianos foram mantidos sob vigilância constante, sem nenhuma liberdade e rotulados de “quinta-coluna”, como se estivessem dispostos a trair o Brasil que os havia acolhido como filhos. Houve muita perseguição injusta. Passado o furor da guerra verificou-se novo fluxo imigratório representado, na maioria, por técnicos e artesãos, provenientes de todas as regiões da Itália. A cada novo contingente que partia, um novo canto era entoado, enquanto a embarcação se afastava da Itália. Fazer a América. Esse ainda era o sonho!

Atualmente, mais de 70 milhões de italianos e seus descendentes vivem longe da Itália, espalhados por diversos países. No Estado de São Paulo existem aproximadamente 10 milhões de paulistas de origem italiana.¹¹

SÃO MANUEL DO SÉCULO XIX:

...vou correndo sereno e constante.

E assim, de cem em cem anos,

Formo um século e passo adiante...

(Da música *O Tempo*, de Tonico e Tinoco)

Nas terras demarcadas pelas águas das bacias dos rios Paranapanema e Tietê localiza-se o município de São Manuel.

Depois de 1721, essas terras de rara fertilidade começaram a ser dividida em sesmarias, mas, é bem possível que os sesmeiros não tenham tomado posse delas, assentando-se somente entre os anos de 1830 e 1850 grande número de agricultores e criadores vindo principalmente de Itapetininga, Tietê, Porto Feliz, São Paulo, Sorocaba e Sul de Minas Gerais, na qualidade de posseiros.¹² Apesar de não existir registros de assentamentos, tudo indica que antes mesmo de meados do século XVIII já houvessem nessa localidade, ranchos e casebres sertanejos, herança bandeirante e jesuíta, formando simples pouso para os que seguiam rumo ao sertão. O mais conhecido deles foi o de Porto Martins.¹³

¹¹ A grande maioria dessas informações foi extraída do livro: CAVARSAN, Ariovaldo. *Cavarsan – Il Cuore non Púo Dimenticare*. Capivari: EME, 1993.

¹² BROLLO, Sebastião Geraldo. *Oriundi nas terras do Paraíso. A epopéia dos imigrantes italianos e descendentes em São Manuel*. São Manuel (SP): Grafilar, 2003, p. 77.

¹³ *Ibidem*, p. 91.

Por volta de 1842, chegou a São Manuel o posseiro Manoel Gomes de Farias vindo de Camanducaia, Minas Gerais. Conforme registros na Paróquia da Vila de Botucatu, grande parte daquelas terras foi adquirida por ele em 1854, beneficiada pelos dispositivos da Lei de Terras, de nº 601, de 18.09.1850.¹⁴ Quatorze anos depois, doou aproximadamente de 13 a 15 alqueires paulistas para edificação da vila. No dia 4.10.1871, quando a vila de São Manuel do Paraíso passou à condição de povoado, foi inaugurado o primeiro templo em homenagem à São Benedito.

Ali, como em grande parte das regiões de São Paulo, a economia baseou-se no tripé formado pelo latifúndio, como sistema de propriedade agrícola, produtiva e lucrativa, pela monocultura do café e pelo regime escravocrata. A pequena vila foi se formando quase na inércia, com as atenções voltadas tão somente para a produção cafeeira nos grandes latifúndios e elevada à categoria de Freguesia da Paróquia de São Manuel do Paraíso, de constituição civil e eclesiástica em 7.4.1880, pela Igreja Romana. De acordo com a Lei nº 151, de 4.10.1884 o fato teve confirmação política e civil pela Assembléia Legislativa da Província de São Paulo, mas desligou-se do município-sede de Botucatu ao emancipar-se em 4.6.1887. No dia 1º de janeiro de 1891 inaugurava-se a Matriz de São Manuel consagrado ao santo com o mesmo nome.¹⁵

A CHEGADA DOS IMIGRANTES ITALIANOS NA CIDADE

São as pessoas humildes que eu procuro

O sal da terra, por assim dizer,

Aqueles que domaram o solo bruto,

E fizeram nele as sementes florescer.

São estes que eu gosto de encontrar,

Quando mergulhada na estrada da genealogia.

E é apenas por orgulho que me deixo levar,

Refazendo seus passos para os assim imortalizar

Aqueles que buscam o passado com sonhos de glória

De encontrar heróis e ducados em cada história,

¹⁴. Muitos sesmeiros não tomaram posses de suas terras no seu devido tempo ou abandonaram-na, perdendo seus direitos. A Lei de Terras nº 601, de 18.09.1850 legitimou propriedades agrícolas, quando o posseiro, apoderando-se de terras devolutas, passaram a explorá-las e cultivá-las. Ao provar o cultivo regular, adquiriram o domínio sobre as terras. Foi o que ocorreu com o posseiro Manoel Gomes de Farias ao adquirir a Fazenda Monte Belo e Araquá-Mirim em 1854. *Ibidem*, p. 91-97.

¹⁵ *Ibidem*, p. 99.

*Não devem jamais se desapontar
Ainda que descobrirem que os humildes bisinhas
Tinham somente as estrelas para contemplar.¹⁶*

Os primeiros imigrantes estabeleceram-se em São Manuel a partir de 1885, na área urbana da cidade, destacando-se dentre eles Rafaelle Sanseverino, Anna Capalbo, Nicolangelo Oliva, Mateu Bruzzo, Ettore Targa e Frances Antonio Martorella. No entanto, foi somente em 1887, pouco tempo antes de findar o regime de escravidão (13.05.1888) é que a grande maioria de italianos chegou, sendo absorvida pelos trabalhos nas lavouras cafeeiras.¹⁷

Atraídos pela propaganda da Sociedade Protetora da Imigração – SPI, órgão oficial do Governo da Província de São Paulo e formado por fazendeiros paulistas, os imigrantes eram constituídos pela maioria das regiões do Vêneto e da Lombardia, mas tinham também da Toscana, da Calábria e da Campânia, como os napolitanos.

Aproximadamente 90% deles eram “*contadini*”, isto é, agricultores, e optaram pelo sistema de colonato no Estado de São Paulo. Era comum que os fazendeiros tivessem preferência pela contratação de famílias inteiras, pois, permitia-lhes maior exploração da mão-de-obra, uma vez que pagavam os salários pelas tarefas da família e não por indivíduo. Além do mais, era muito mais difícil um chefe de família abandonar a fazenda do que um imigrante solteiro sem responsabilidade familiar. Isso lhes garantia a estabilidade da mão-de-obra na fazenda. Muitos eram alfabetizados e pela situação de guerras que viveram na Itália, eram bastante politizados.

Chegando à fazenda, os imigrantes desavisados, ocupavam a pequena casa da colônia, muitas vezes construída de madeira, de chão de terra batida, composta por aproximadamente cinco cômodos. Eram construções iguais, que seguiam conceitos bem definidos na época, muito diferentes das casas que tiveram na longínqua Itália, de tijolos ou de pedras. A casinha era a minúscula construção isolada da casa, destinada às necessidades fisiológicas.

Longe de seus lugares de origem, os imigrantes enfrentaram grandes dificuldades, como a adaptação ao novo ambiente, ao clima tropical, a língua e aos costumes. Devido à educação mais

¹⁶ G.McCoy. Source: The Sunny Side of Genealogy, compiled by Fonda D.Baselt, Genealogical Publishing Co., Baltimore, 1988, p.10. Tradução livre e não autorizada: Léa Beraldo.

<http://www.imigrantesitalianos.com.br/mensagem.html>

¹⁷ Sebastião Geraldo BROLLO, *op.cit*, p. 109.

apurada, muitos escravocratas confundiram-na com subserviência e docilidade, sendo comuns os casos de maus tratos impingidos aos imigrantes e denunciados às autoridades italianas.

Ainda na contratação ou após a primeira colheita de café, frente às imensas terras do latifúndio, cada colono recebia do fazendeiro um minúsculo pedaço de terra, onde passou a introduzir a policultura, em micro-escala, mas o suficiente para que a produção fosse dividida com os patrões, na qualidade de meeiros. Salvo pequenas diferenças regionais, o colono podia também cultivar as ruas dos cafezais com cereais e legumes diversos. Parte das vendas era vendida, após serem feitas as reservas para o consumo familiar. Apesar de muitos conflitos entre imigrantes e fazendeiros, e por pior que fossem os negócios, era notório que, na virada do século, não faltassem, no pequeno pedaço de terra, o arroz, o feijão, o milho, as galinhas, os ovos, os porcos, etc.¹⁸

É importante ressaltar que, no auge da imigração italiana para o Brasil, apareceram no cenário nacional tanto os núcleos coloniais oficiais ou públicos, organizados pelo governo, como os núcleos coloniais privados, resultado da pressão dos imigrantes contra o tratamento dos grandes fazendeiros de café. Ao trazerem algum poder aquisitivo da Itália pela venda de seus bens e imenso desejo de estabelecerem-se como proprietários, encontraram grandes dificuldades em adquirir terras, pois, muitos queriam ser produtores e não colonos assalariados. Ao iniciar suas atividades, desenvolveram não só a cultura do café, mas plantações diversificadas, como tubérculos, cereais, vários tipos de verduras, frutas da região e européias, além da pequena vinícola e criação de pequenos animais.¹⁹

Para conseguir sair do julgo do fazendeiro, outros “*contadini*”, com pouco ou nenhum capital, mantiveram, desde que chegaram, toda a família trabalhando incansavelmente na lavoura cafeeira, adquirindo, com isso, uma poupança para compra da tão sonhada propriedade rural:

Oriundos de uma civilização milenar, com melhor nível educacional que nosso camponês; dotado de outras técnicas agrícolas, inspirados pelo ideal de propriedade da terra e da casa própria e movidos por uma tenacidade calcada na sua força de trabalho, no apego a sua tradição de liberdade, no valor da família, os imigrantes italianos resistiram no campo e na cidade e lutaram contra a possibilidade de serem transformados em massa proletária e alienada.²⁰

¹⁸ *Apud* Relatório Rossi, 1901.

¹⁹ *Ibidem, passim.*

²⁰ *Apud* SAPIENZA, Vitor. *Café Amargo. Resistência e Luta do imigrante italiano na formação de São Paulo*. São Paulo: Meta, 1991.

Devido a uma série de circunstâncias históricas do município e a pressão exercida pelos imigrantes, desenvolveram-se no município de São Manuel somente os núcleos privados, sem financiamento do governo, espalhados por alguns bairros. O primeiro a se formar foi o bairro da Pedreira no início da década de 1890. Formaram-se depois o bairro dos Machados, do Guarantã, da Boa Vista, do Faxinal, da Gramma (depois Paranhos e Igarajú do Tietê), do Campinho, de Toledo e o do Pimenta. Posteriormente, o antigo Distrito de Pratânia e o Bairro da Pratinha foram permutados por Porto Martins, pertencente à Botucatu.

Mais de 400 famílias de imigrantes fixaram-se no município, alguns poucos na cidade e a grande maioria nos bairros rurais contíguos que, retalhados em pequenas glebas de terras se transformaram em sítios e chácaras altamente produtivas, provocando a democratização da propriedade da terra e significativa alteração na economia de São Manuel. O município passou a constituir-se em um dos grandes pólos da imigração italiana no interior paulista. Essa situação deixou os fazendeiros inconformados em perderem a mão-de-obra de muitos imigrantes, que, após anos de exploração, foram abandonando as colônias das fazendas para habitar os seus próprios sítios. A dura constatação dos antigos latifundiários era que a produção de 1000 pés de café trabalhada por escravos rendia de 30 a 40 arrobas de café beneficiado, enquanto que na mesma área cultivada por italianos, produzia-se de 80 a 100 arrobas.

Na virada do século XIX para o XX, os italianos eram proprietários de 1507 imóveis agrícolas no Estado de São Paulo. Em São Manuel já havia, em 1900, aproximadamente 30 imóveis rurais nas mãos de italianos e nas duas primeiras décadas esse número elevou-se consideravelmente. Essa era a resposta digna aos donos de grandes propriedades rurais de toda a região, de índole escravocrata que, viciados em maus tratos e péssimos costumes, salvo raras exceções, desconheciam completamente sistemas de trabalho mais modernos e produtivos.

Fugindo da prepotência dos grandes fazendeiros do município, uniram-se em torno de ideais comuns, fundando no dia 4 de fevereiro de 1894 a Societá Italiana de Mutuo Soccorso (Sociedade Italiana de Mútuo Socorro). Criaram condições para os associados obterem trabalho, assistência médica e odontológica, fornecimento de remédios e outros serviços com a finalidade de integrarem o italiano ao Brasil, às suas leis, língua, usos e costumes. Tempos mais tarde foi substituída pelo denominado “Circolo Italiano – San Emmanuele”, passando a ter como presidente Ettore Targa. O ensino da língua italiana tornou-se obrigatório por Lei de 10.06.1893, de autoria do Deputado

Samuel Malfati. Em São Manuel funcionou a “Scuola Italiana Gabriele D’Annunzio” durante muitos anos.

Imprimindo a marca de seus dialetos, de suas tradições e de seus costumes, além de uma gama de novas profissões que trouxeram da bela Itália, os filhos da distante península foram, aos poucos, enriquecendo a cultura brasileira com a paixão pela tarantela e canções napolitanas, a grande casa com porão ou cantina, o *nonno*, a *nonna*, o fogão à lenha, o forno para assar pão, o quintal grande, a parreira de uva, a horta de verduras e legumes, cheiro verde, abobrinha, manjerona, salsinha, hortelã, louro, limão, erva-doce, romã, o *minestrone*, o *gnocchi*, a polenta com *radicchio* e frango, o risoto, a macarronada, a *polpetta*, as bebidas caseiras, como vinhos e licores, o truco, a bocha, o luto fechado dos enterros, a abstinência na quaresma e na semana santa, o papo, os gestos espalhafatosos, a risada gostosa...²¹

A ORIGEM DOS SOBRENOMES

Os sobrenomes (em italiano, *cognome*, com nome), surgiram quando o homem tendo abandonado o sistema tribal e de clã, começou a viver em sociedade organizada. Os sobrenomes (ou o segundo nome) serviam exatamente para diferenciar os membros dos diversos grupos familiares, no povoado em que viviam. Na Roma antiga, por exemplo, o povo usava o sistema patronímico (a) ou matronímico (a), isto é, fulano (a) filho de sicrano (a).²²

Após a queda do Império Romano é que começaram a surgir os primeiros sobrenomes italianos modernos. Na Idade Média, com o surgimento das grandes cidades, as pessoas viram-se na necessidade cada vez maior de diferenciarem-se. Adotaram os sobrenomes por hereditariedade, através de formas obtidas de nomes pessoais, apelidos que se referiam as características físicas, morais, das atividades exercidas, determinativos éticos, isto é, do lugar de origem e por inúmeros outros atributos que pudessem caracterizar a família.

Há evidências documentais mostrando que os nomes por hereditariedade foram empregados entre os aristocratas da República de Veneza nos séculos décimo e décimo primeiro. A primeira grande medida tomada em direção ao sistema de sobrenomes em massa foi após o Concílio de Trento (1564), quando se tornou imutável, obrigatório e transmissível aos sucessores o sobrenome.

²¹ Baseado no livro já citado de Ariovaldo Cavarsan, p. 51; Nosso Século: A era dos bacharéis. 1ª parte – 1900-1910. São Paulo: Circulo do Livro S.A. Abril Cultural S.A., 1985, p. 107.

²² Sobrenomes derivados do pai ou da mãe.

Dos italianos que chegaram a São Manuel, entre o final do século XIX e início do XX, podemos citar muitos sobrenomes conhecidos da nossa família e alguns casados entre si, como os: Bassetto, Bravin, Carnietto, De Osti, Dorini, **Falcadi**, **Forti**, Innocenti, Guaré, Guerrer, Manzatto, Marão, Maron, **Mosca**, Pasqualinotto, Poli, Rossetto, Rossitto, Sauer, Tomazzi, **Tonon**, **Vaccaro**, **Samogin**, Valentino, Vidotto, **Zanin**, **Zanuto**, Mariotto, Gottardi, Suman, Marchi etc.

AS FAMÍLIAS FORTI E ZANIN

O retrato não me responde

Ele me fita e se contempla

Nos meus olhos empoeirados.

E no cristal se multiplicam

Os parentes mortos e vivos.

Já não distingo os que se foram

Dos que restaram. Percebo apenas

A estranha idéia de família

Viajando através da carne.

Carlos Drummond de Andrade

FORTI

Existem muitas variações do nome. O que se pode observar é que muitos são de origem italiana, como Fortini, Fortine, Fortino, Fortina, Fortinguerra, Fortimato, Fortis, Fortinphileo, Forticco, e outros não, como os Fortier e os Fortin (França); Fortigato (português); Fortillo Garcia (espanhol). Para os espanhóis **FORT** é uma antiga família de origem catalã; **FORTES** é um sobrenome de família patronímica, tomado o antigo nome de batismo, medieval. **FORTUM – Fortes**. Do adjetivo forte, é uma família originária das Astúrias.²³

O sobrenome **FORTI** está espalhado pela Itália toda, isto é, em 579 cidades, inclusive na Sicília, mas, se concentram mais nas Regiões da Lombardia, Emilia-Romagna e Lazio. **FORTE** está presente em 1886 cidades italianas, concentrando-se especialmente em Campanhia, Lazio e Lombardia. **FORTO** está em apenas 09 cidades das Regiões da Lombardia e do Vêneto. Apesar dos erros de grafia da nossa própria família, o que nos interessa são os **FORTI**.

ZANIN

ZANIN é um sobrenome derivado da variação do nome italiano Johanni. Nesta variação vamos encontrar Gianni, Giani, Zani, Zanine, Zanini, Zanino e Zanoni. Vamos encontrar também: Zannotto, Zannetti, Zannelli, Zannello, Zannovich, Zaninei, Zannino e Zanni, possivelmente

²³ MORANZA, Ciro. *Dicionário dos Sobrenome Italianos*, p. 225,306.

variações do primeiro nome, originários da Itália, exceto um que é da Áustria. Começaram a entrar no Brasil a partir de 1883.

O sobrenome de **CONSTANZA ZANIN**, casada com **ABELE FORTO** (erro de grafia?), está presente em 665 cidades espalhadas pela Itália, especialmente no Norte do país, nas Regiões do Vêneto e da Lombardia. Das pesquisas elaboradas, vamos encontrar outro registro, em 1896, da família de Cândida Zanin, viúva de Antonio Zanin, acompanhada por filhos e noras. Vieram no Vapor Arno e deram entrada na Hospedaria de Juiz de Fora, rumando, posteriormente, para Ponte Alta, hoje cidade de Monsenhor Paulo, em Minas Gerais. Não sabemos se são parentes de Constanza Zanin. Continuando as pesquisas na Hospedaria do Imigrante, o que se percebe é a chegada de muitos outros ZANIN nas duas últimas décadas do século XIX.

De acordo com a Certidão de Desembarque adquirida no Memorial do Imigrante, em São Paulo, os agricultores **ABEL FORTI** (Abele Forto) e **CONSTANZA ZANIN** desembarcaram na cidade de Santos (SP) no dia 09 de julho de 1888, trazidos pelo **NAVIO POITOU**. Tinham, respectivamente, 30 e 22 anos de idade e nada indica que fossem casados. O responsável pelo grupo era o tio **VALENTINO FORTO**, casado, de 77 anos, além de ROSA ROMAN, uma cunhada de 65 anos. Vinham na mesma embarcação outros sobrinhos da FAMÍLIA FORTO, alguns ainda crianças, a maioria solteiros: LUIGI (33), FELICITA (28), FLORA (20), BENIAMINO (15), ÂNGELA (13), ANTONIO (10), LUIGIA (08), GIO BATTÀ (07), CRISTINA (06), BENIAMINO (05), EMÍLIA (02), ALESSANDRO (01). Além de CONSTANZA ZANIN, vieram de sua Família: FLORA (20), PIETRO (04) e ROSA (02). MARIA (35) era casada e nora? do Sr. Valentino. É possível que o marido já estivesse no Brasil e que MARIA, de 35 anos, fosse mãe de alguma (s) criança (s) citada no grupo acima.²⁴

No depoimento do neto Antonio Forti, filho de Regina Vaccaro Forti, eles eram originários de Furlan (encontramos a cidade de Forlì, província localizada na região de Emilia – Romagna). Lá, a família possuía uma pequena fábrica de vinho, vendida a um irmão que lá ficara. Dos que ficaram na Itália nada se sabe a não ser a informação que era constituída por muitos padres e freiras. Na viagem o navio apresentou defeitos, tendo que parar na Inglaterra?

Trouxeram boas ferramentas inglesas e uma quantia de dinheiro para comprar uma propriedade. Como não era suficiente para realizarem este sonho, trabalharam como colonos na Fazenda do Dr. Giovanni? Tempos depois, os FORTI compraram o SÍTIO BELA VISTA, no

²⁴ Todas as informações foram extraídas da Certidão de Desembarque de Abel Forti e Constanza Zanin.

Distrito de Pratânea – São Manuel – SP, onde, por alguns anos moraram e criaram todos os filhos. Até os dias atuais, a pequena propriedade permanece com a família de JOÃO FORTI, filho de LUIZ FORTI, com seus 85 anos de idade.²⁵

O casal ABEL E CONSTANZA teve seis (6) filhos: Luiz, José, Fioravante, Rosa, Florinda e Ana. Deles sabemos que:

- **FLORINDA (Fiorina)** Diz a família que Tia Fiorina, como era conhecida, tenha nascido no Brasil. Inserida dentro de uma longa história de família de mais de 120 anos, com lembranças esmaecidas pelo tempo e sem documentos que comprovem se ABEL e CONSTANZA já tinham se casado na Itália, ficamos com o largo campo das possibilidades. É possível... De qualquer forma, Fiorina era casada com **LUIZ ROSSITO** e teve 14 filhos:²⁶ **Ricieri** (Fiica); **Zelino** (casado com Rina, donos da Pensão Líder por muitos anos); **Benedito** (Isaura); **Círio** (Lourdes); **Narcizo** (Narciza); **Assunta** (Umberto); **Ilma** ou Irma? (Gilberto); **Antonio** (Maria); **Odovílio** (Odila); **Ida** (Lino); **Lourdes** (Benedito); **Tereza** (Eduardo); **João** (Demi?); e **José** (Inês).

- **LUIZ** foi casado com **MARIA FALCADI**. Tiveram 09 filhos: **Isolina** (marido: Davi. Filhos: Maria, Inês, Dalva); **Antonio** – Nico (esposa: Maria. Filhos: Celso,²⁷ Sérgio, Nilva e Simone); **Ironime** – Nime (esposa: Aldina. Filhos: Leide, Renato, Luis Augusto; **João** (esposa: Maria. Filhos: Vera Lúcia e Sandra); **Avelino** – Tito (esposa: Helena. Filhos: Ênio, Zélia, Denilde); **Lourdes** (marido: Natálio. Filhos: Arthur, Zeila, Neuza, Cleonice, Vera, Ivonete, Cristina, Lisvaldo, Antonio); **Carmela** (marido: João. Filhos: Maria Lúcia, Sueli, Marcos); **Ana** - Nike (marido: Ricieri. Filhos: Vanderlei, Vandeci, Vânia); **Terezinha** (marido: Alberto. Filhos: Luiz Alberto, Roseli, Rogério e Tereza).

- **ANA** foi casada com **ELIAS FALCADI**. Morou na Fazenda dos Bassetto. Após ficar viúva foi morar em São Paulo. Seus filhos são: **Alcides** (esposa: Ana. Filhos: Célio, Célia, Silvio, Silvia, e Sidnei); **Tereza** – Ica (marido: Santo. Filhos: Vadinho, Uzanira, Onélia); **Antonio** – Tono (esposa: Maria. Filhos: Élio, Idnei, Ivonei); **Maria** (marido: Augusto. Filhos: José, Nilton, Nadir, Nilva, Nilson, Nivaldo); **Inês** (marido: Orlando. Filhos: Sandra, Leonel, André); e **Odila** (marido: Durval. Filhos: Dircei, Dirce e...)

²⁵ A maior parte desse depoimento foi de Antonio Forti, um dos netos de Abel, filho de Regina e José Forti.

²⁶ Muitos nomes dos filhos são possivelmente apelidos. Entre parênteses estão os nomes de esposos ou esposas.

²⁷ É possível que o Celso Forti tenha ficados com os documentos de escritura do sítio Bella Vista, como diz o Tio dele, o João, visitado por nós em julho de 2011. Com a morte de Celso, a família se fixou em Bauru (SP).

- **JOSÉ** nascido em 07 de setembro de 1909, foi casado com **REGINA VACCARO**. Faleceu no dia 03.12.1979 em São Manuel (SP). Ver mais detalhes adiante.

- **FIORAVANTE** faleceu solteiro aos 28 anos, vítima de ataque epilético. Como o problema de saúde era freqüente, o médico o havia proibido de sair de casa. Na noite em que faleceu, contrariando a recomendação, foi a um baile, vindo a falecer após muitos ataques.

- **ROSA** – Tia Rosinha, como era conhecida, foi casada com **ANGELO VACCARO**, irmão de **REGINA VACCARO** (Angelin) e se fixaram em Cerqueira César. Ver Família de Ângelo Vaccaro mais adiante.

A noninha, como **CONSTANZA** era chamada pelos netos, só falava em italiano, dificultando muito sua comunicação com os mais novos. Tanto ela como o marido eram muito bondosos e católicos fervorosos. Rezavam muito. Deram aos filhos educação rigorosa e repreendiam enérgicamente quando um deles blasfemava. No sítio da Bela Vista cultivaram o café para comercialização, cereais e frutas, além de uva para o fabrico de vinho tinto para consumo e pequena comercialização, mantendo a tradição familiar trazida da Itália.

ABEL FORTI faleceu por volta de 1930, com aproximadamente 70 anos, logo após o filho José ter se casado com Regina Vaccaro. Dentro das inúmeras histórias que a família contava e ainda conta, Abel utilizava-se de uma luva confeccionada pela mulher, pois, faltava-lhe um dos dedos que havia perdido, possivelmente nas máquinas de engenho (Engenho do que? De onde?) Dizia alguns filhos e netos que, pouco antes de sua morte, colhendo uvas, pegou espinhos de limas da pérsia nos pés. Como os espinhos eram muito grandes, conseguiu chegar à sua casa de joelhos. Não procurando o médico de imediato, os pés infeccionaram causando-lhe tétano. Chovia muito quando faleceu. Está enterrado próximo da Igrejinha do Cemitério de São Manuel, juntamente com sua mulher e alguns filhos.

Após a morte do marido, a noninha continuou morando no mesmo sítio, com o filho Luiz, apanhando uvas. Muito idosa, **CONSTANZA ZANIN FORTI** ficou doente de cama, vindo a falecer no dia 2.2.1959? Causa da morte: senilidade. Alguns netos diziam que era já tinha 102 anos, outros, 105 e outros ainda arriscam 112 anos de idade. Se o registro de desembarque estiver com os dados corretos, ela ainda não tinha cem, mas 93 anos de idade. Somente nos dois últimos anos é que

perdeu a lucidez. Até o final de seus dias preservou seus cabelos pretos, característica hereditária que passou para alguns filhos e netos, como: Rosina, Ana, José e Florinda, além de minha mãe.²⁸

A FAMÍLIA DE JOSÉ FORTI E REGINA VACCARO

JOSÉ FORTI e **REGINA VACCARO** se casaram em junho de 1928 e continuaram a morar no sítio da Bella Vista por alguns anos. Nesse sítio, após dificuldades em engravidar e muitas promessas à Santa Terezinha, nasceu a primeira filha do casal, recebendo o nome de Terezinha em homenagem à santa de devoção. (Ver: 2.Fotos do Sítio Santa Terezinha).

Recebendo parte da herança, após o falecimento do pai, no início da década de 1930 e em dinheiro, José comprou, em sociedade com o irmão Luis, o sítio Santa Terezinha, “...com 20 (vinte) alqueires de terras (ou 48 há. e 40 a.), 8.000 mil pés de café mais ou menos, sendo 3000 novos, duas casas de morada, pasto e outras benfeitorias...” Como os conflitos entre eles eram muitos, José comprou, em 1944, a parte do irmão. Em 1949, adquiriu mais uma gleba de terras, desmembrada da Fazenda Santa Terezinha, pertencente ao cunhado Luiz Rossito e sua irmã Florinda Forti Rossito, “...com área de 3 (três) alqueires (ou 7 há. e 26 a.) (...), contendo 3.000 pés de café, uma casa de morada, de tábuas e coberta de telhas...”

Nessas terras, José Forti e Regina Vaccaro Forti tiveram os demais filhos e em companhia deles, continuaram a cultivar o café para comercialização e a plantar uvas para fabricação de vinho tinto para consumo familiar. Exceto os filhos João e Natal, os demais foram se casando com gente da própria região.

Em meados de 1955, após boa colheita de café, José Forti adquiriu a casa da cidade, em frente ao “Lar Anália Franco”. Maria Inês se lembra bem que faltava pouco para completar oito anos de idade quando para lá se mudaram. No ano seguinte começou a freqüentar a escola. (Ver: 3.Fotos da casa próxima ao Lar Anália Franco)

Em sua vida, José Forti foi: Juiz de Paz em Pratânea (1951), Congregado Mariano, Capelão da Igreja de Santa Cruz na Pratinha e Vicentino em São Manuel.

²⁸ O jazigo do casal está localizado logo atrás da Capela do Cemitério Municipal em São Manuel. Ali foram enterrados: Luiz Forti, Maria F. Forti (25.01.1898 – 28.06.1991) e Fioravante Forti. Infelizmente só Maria, uma de suas noras, tem data de nascimento e falecimento.

Segundo a nora Cidinha, foi no final de 1971 que José Forti vendeu a casa da cidade ao próprio Lar Anália Franco, negociando-a com o imóvel da rua Luiz Galerani, nº 314. Posteriormente, vendeu esta, comprando a casa vizinha à rua Ettore Targa, nº 376, Vila São Luiz. (Ver: 3.Fotos da Rua Luiz Galerani e 4. Fotos da Rua Ettore Targa)

José Forti faleceu no dia 3 de dezembro de 1979, vítima de câncer. Pouco antes de falecer vendeu o Sítio Santa Terezinha, fazendo a partilha desse bem aos filhos. Evitou com certeza, dissabores entre irmãos com a pequena herança. Com a viuvez, Regina Vaccaro Forti vendeu a casa da rua Ettore Targa para Élcio Domingues e esposa Ivani Ivone Tonon, em meados da década de 1980 e foi morar com os filhos. Faleceu no dia 27.09.1991. O casal está enterrado no Cemitério de São Manoel.

JOSÉ FORTI e REGINA VACCARO tiveram 9 filhos:

Terezinha Josefina Forti (22.03.1931). Casou com **Ermelindo Marão** em 10.12. 1951 na Igreja Matriz de São Manuel e no civil na Igreja de Santa Cruz, na Pratinha. Tiveram três filhos: **José Luiz Marão**. Casou-se em 9.07. 1974 com Maria Zeza Monteiro. Filhos: André, João Paulo e José Luiz Marão Junior (filho Ainarás). 2ª esposa: Edna Thereza B. Pilan; **Maria Inês**. Marido: Valdomiro Calonego. Filhas: Alessandra e Renata); e **Flávio Roberto** (1ª esposa: Vanda. Sem descendentes. 2ª esposa: Samanta. Filhos: Raíssa e Raoni. Terezinha ou Tereza como é chamada, separou-se do primeiro marido, unindo-se a Nelson de Oliveira em 1981, sem descendentes.

Antonio Arcelino Forti (22.11.1932). Casado com **Ermelinda Guerrer**, tiveram dois filhos: **Jair** (1ª esposa: Odete. Filhos: Tiago e Paula. 2ª esposa: Valentina. Sem descendentes); **Celso** (esposa: Regina. Filha: Tamires).

Marcelina Constância Forti (05.11.1934 Casou-se com **Severino Benedicto Tonon** (03.04.1932 – 15.09.1990) no dia 1.05.1954, na Igreja São José - na Vila dos Lavradores – Botucatu – SP. Desse casamento nasceram 4 filhos: **Maria Joana** (JÕ), **Maria Natalina** (Natalina), **Maria Jose** (Mara - marido: Valmir Bastos. Filho: Gabriel) e **José Carlos**. Em 1985, adotaram **Lívia Taís** com apenas seis meses de idade. Atualmente, a Lívia está casada com Fernando Henrique Bassetto, citado abaixo, e tem um filho de nome Victor Henrique Tonon Bassetto.

Egydio Francisco Fortes (19.05.1937). Casou-se com **Otilia Aparecida Quessada** no dia 06.12.1958, na Matriz de São Manuel e no civil em Pratânea. Tiveram dois filhos: **José Edner** – (Nenê - 12.11.1959 – 08.11.1997). Casou-se com Evandra. Filhos: Felipe e Talita; e **Evandro** (18.08.1975), casado com Fernanda. Com descendente.

Ana Herminda Forti (17.04.1940 – 01.03.2004). Casou-se com **Jorge Innocenti** no dia 18 de julho de 1963, tendo dessa união três filhos: **Edson** (esposa: Sonia. Filho: Guilherme e), **Eugênio** (esposa: Adriana. Filho:) e **Edir** (esposa: Valquíria. Sem descendentes). Ficou muito doente após ter o terceiro filho, tendo sido internada diversas vezes. Veio a falecer 01.03.2004.

Vicente Augusto Forti. Casou-se com **Helena Sauer**, indo morar em Rolândia, Paraná. Tiveram cinco filhos: **Valmir, Valdemir, Vera, Vanderléia e Vanda**. Todos são casados e com descendentes.

João Baptista Forti (24.06.1945 – 27.01.1997). Casou-se com **Maria Aparecida Faria** em 18.07.1970 na Igreja de São Antonio, em Santo André. Tiveram três filhos: **Fábio** (9.01.1971. Casou-se com Janaína. Filho: Fabinho Junior); **Marco Aurélio** (Kiko - 21.11.1973. Casou-se com Luiza. Filha: Beatriz); Após separar-se da 1º esposa, casou-se com Paula. **César Augusto** (27.08.1975. Casou-se com Vera. Tiveram uma filha no início de 2011, chamada Lorena.

Maria Inez Forti (11.11.1947). Viúva. Casou-se com **José Carlos Bassetto** no Santuário de Santa Terezinha – São Manuel. Tiveram dois filhos: **Paulo Daniel** e **Fernando Henrique**. Fernando Henrique e Lívia Taís Tonon tiveram um filho: Victor Henrique, agora com 03 anos de idade.

Natal Benedito Forti (17.12.1949). Casou-se com **Sônia Duschesqui** no dia 17.12.1977 na Paróquia de São José, em Ribeirão Pires. Tiveram dois filhos: **Marcos José** (17.07.1980) e **Cíntia Regina** (7.7.1982). Cintia está casada com William e tem um filho, Guilherme, nascido em agosto de 2011.

AS FAMÍLIAS VACCARO E SAMOGIN

OS VACCARO

VACCARO é um sobrenome que vem do Latim, *vaccarius*, que significa vaqueiro, homem que lida com o gado. Há duas explicações possíveis para a origem deste sobrenome e suas variações: *Vaccari*, *Vaccarini*, *Vaccarino*, *Vaccarone*, *Vaccarone*, *Vacariello*, *Vaccari*, *Vaccari*, *Vaccari*, *Vacca*. Quando este sobrenome é encontrado em Matera, Potenza, Calábria, Nápoles e Salerno, a origem é principalmente ocupacional, isto é, derivado da comercialização de uma atividade profissional seguida pelo fundador do clã. Neste caso, o nome é derivado de “*vaccaio*”, que significa pastor de vacas ou vaqueiro. Assim, o nome seria uma metonímia para estas palavras. Por outro lado, é também possível que o nome tenha origem patronímica, pertencendo às categorias de sobrenomes derivados do primeiro nome do pai do fundador do clã. Dessa forma, o nome indicaria “filho de Vaccaro”, uma variação de *Vacca*, uma forma carinhosa de *Iacovacco*, que significa Jacob. O nome Jacob é derivado do latim “*Jacobus*”; em grego “*Iakobus*”; do Hebreu “*já agob*”, significando “que Deus proteja sua descendência”. Na Idade Média, os pais eram encorajados a nomear suas crianças com nomes de Santos e figuras bíblicas.²⁹

Dessa forma, nem todos os Vaccaro lidaram com o gado, pois vamos encontrar este sobrenome em 1270 com *Mazziotto Vaccaro*, juiz da *Gran Corte della Vicaria*, além de *Giovanni*, seu filho, também juiz e superintendente de trabalho do *Palazzo Reale di Quisisana*, além de outras famílias antigas e patricias.

Dentro das primeiras variações do sobrenome, vamos encontrar os **VACCARI** concentrados em 744 comunidades, especialmente em Emilia-Romagna, Norte do país. Por sua vez, os **VACCARO** estão distribuídos por 939 cidades italianas, espalhados pela Lombardia, Campânia, Sicília e Calábria. É bem possível que a família encontrada no início do século XIX, no caso, *Giovani Vaccaro* (1816 - ?), tenha vindo do Sul, na tentativa de encontrar melhores condições de vida para ele e para a família.

Este é o sobrenome de **ARCADIO VACCARO**, pai de **REGINA VACCARO**, minha avó materna. Ele era natural de uma vila (*frazione*) chamada *Baldaria*, pertencente a *Cologna Veneta*, Província de *Verona*, Região do *Veneto*, hoje com 8.655 habitantes. Nas vagas lembranças de infância, lembro-me da minha avó dizer que descendíamos de calabreses. Pode ser. Por que não?

²⁹ Muitas destas informações foram extraídas do site elaborado por *Walter Vaccario*: <http://www.familiavaccaro.com.br>, um dos netos de *Arcádio Vaccaro* e *Ilda Samogin*.

OS SAMOGIN

O sobrenome **SAMOGIN** não é comum na Itália, pois, aparece em apenas 14 cidades italianas. Concentra-se especialmente na Região do Veneto.

A REGIÃO ONDE MORAVAM

*Quel mazzolin di fiore, che vien dalla montagna
E bada ben che non si bagna che lo voglio regalar
Lo voglio regalare, perche l'è un bel mazzetto
Lo voglio dare al mio moretto questa será quando vien
Stasera quando viene, sara uma brutta será...*³⁰

Por habitarem uma região plana, nas proximidades das colinas onde se iniciam os Alpes Italianos, tanto os Vaccaro como os Samogin tiveram uma vida muito marcada pelos costumes alpinos. Vivendo na pobreza, os Vaccaro fabricavam queijos e, segundo tradição oral da família, era comum saírem vendendo o produto no lombo de uma mula, levando também na mochila a polenta dura saboreada quando a fome chegava. Ela era também alimento básico para os que trabalhavam na lavoura ou quando saíam em viagem. A polenta com queijo era sempre acompanhada por uma garrafa de vinho e de canções alpinas que, feitas de palavras simples, refletiam o caráter e o realismo daqueles pessoas que enfrentavam os invernos rigorosos, da pobreza e das guerras que haviam passado. Falavam da vida difícil, da dignidade, do amor e da felicidade, dos companheiros, da natureza, da fadiga e do sofrimento, da morte contada as vezes com fatalismo, as vezes com leve ironia.

AS FAMÍLIAS VACCARO E SAMOGIM

ARCÁDIO VACCARO nasceu em BALDARIA, uma frazione (subdistrito) de COLOGNA VENETA, na Província de VERONA, região do VENETO, no dia 13.04.1871. Era filho de GIACOMO VACCARO e GIOVANNA ANSELMO, casados no dia 6.4.1864. Da vida que tinha com a família na Itália pouco se sabe, a não ser que lá ficaram seus pais e duas irmãs: DOMÊNICA e PARMA.

Ainda na Itália, ARCÁDIO entrou para o Serviço Militar do Distrito de Verona, por volta de 1890 e deu baixado no dia 17 de junho de 1891, como informa a **Lista di Leva**. Vivendo com a

³⁰ *Quel mazzolin di Fior.*, é uma música alpina cantada pela família, pois minha avó Regina cantava-a para nós. É uma composição de autor desconhecido, de 1904.

família, é possível que, como milhares de italianos, já alimentasse o sonho de sair da Itália na esperança de “fazer a América”. Chegou no Brasil em 10.11.1891, isto é, com 20 anos de idade, vindo com o vapor SOLFERINO.

Interessante observar que, com apenas 16 anos de idade, ILDA FORTUNATA SAMOGIN (para a família era IDA), sua futura esposa, desembarcou no Brasil, vindo com o navio NORTH AMÉRICA, no dia 12.11.1891, isto é, dois dias após ARCADIO VACCARO chegar. Ela havia nascido em SUSEGANA (hoje é uma cidade com aproximadamente 12.000 habitantes), na Província de TREVISO, também região do VÊNETO, no dia 18.05.1875 e era filha de GIACOMO SAMOGIN e de REGINA BORTOLETTO. Veio acompanhada pelos irmãos mais velhos, GIORDANO SAMOGIN (22 ANOS) e FOSCA (ou GIUDITA, de 18 anos).

NO BRASIL:

Em depoimento feito por uma das filhas do Giácomo, seu primeiro filho, Lila contava que, logo após chegar à Hospedaria do Imigrante, em São Paulo, ARCÁDIO foi trabalhar como enfermeiro em “algum lugar”. É possível, pois, nessa época a febre amarela grassava por algumas regiões do Brasil, especialmente no Estado de São Paulo, como: Santos, São Paulo e Campinas, fazendo milhares de vítimas.

Recém chegada, ILDA foi trabalhar como doméstica na casa de pessoas de posses, na cidade de Santos (SP). Com apenas 16 anos de idade e sem saber quase nada sobre a nova língua e os novos costumes, viveu com certeza, situações inusitadas e embaraçosas. Em certa ocasião, em um almoço com convidados, o senhor da casa pediu-lhe um copo, que em italiano significa *telha* (dialeto?). Por mais que estranhasse e retrucasse, ela foi buscar uma telha nas proximidades da casa e trouxe ao senhor. Todos riram muito e ela, constrangida, foi consolada pela senhora da casa.

Em 1893, ARCÁDIO VACCARO e os SAMOGIN já estavam fixados em São Manuel, onde trabalharam como colonos em diversas fazendas.

Em 19.08.1893, FOSCA (ou GIUDITA), irmã de ILDA, casou-se em São Manuel (SP), com JESUS AMBRÓSIO (ou JOSUÉ AMBROSINO?), e, pouco mais de um ano depois, no dia 16.10.1894, com 23 anos de idade, ARCÁDIO casou-se com ILDA. Destacamos aqui, que entre as informações colhidas por familiares de Valter Vaccaro, ARCÁDIO e ILDA casaram-se somente na Igreja, enquanto que informações vindas da vó Regina nos revelam que haviam se casado vinte dias

antes de saírem da Itália. Apesar dos registros de embarque notificarem que estavam em navios diferentes, chegaram com apenas dois dias de diferença um do outro. Se não se casaram na Itália, e bem possível que já se conhecessem.

Quanto ao irmão GIORDANO, ele se casou em 09.11.1896, também em São Manuel (SP), com ANGELA SIMCO, tendo como testemunhas: seu cunhado ÁRCADIO e o Sr. João Locatelli. Além de ILDA, GIORDANO e FOSCA havia um outro irmão chamado EUGÊNIO (GÊNIO), que não chegou com eles em 1891, mas em outro navio que não sabemos precisar.

ARCÁDIO E ILDA (Ida) tiveram 10 filhos: Gácomo (Jacomin), Leonel (Nelo), João (Joanin), Angelo (Angelin), Ana (Nita, Nêta), Albina (Bina), Regina (Regineta, Reginin, Nin), Maria, Sylvio e Antonio (Tonico). O nome do primeiro filho, Giacomo, foi, sem sombra de dúvida, uma homenagem aos pais de ARCÁDIO E DE ILDA que haviam ficado na Itália, enquanto que o da 7ª filha, Regina, era em homenagem à avó materna REGINA BORTOLETTO.

Por serem camponeses, nem sempre permaneciam na mesma fazenda por muito tempo, pois o trabalho dependia das colheitas de café serem boas. Entre as fazendas que a família VACCARO trabalhou estavam: Pasto Velho, Arielo, Santa Maria (Igualdade), Araquá (Toledo), Paranhos, Água Vermelha, Brejão e Rodrigues Alves. Em 1942, ARCADIO trabalhava na Fazenda de José Manoel Pupo, como mostra o Registro de Estrangeiros. Como homem exigente, gostava de morar sempre próximo às nascentes dos rios, pois ali teriam água abundante para a família.

HISTÓRIAS DE FAMÍLIA

Sabemos que as histórias que aqui citadas são muito imprecisas, como muitas outras. Feitas de fragmentos e escondidas pelos cantos da memória da família, foram regatadas com grande dificuldade. Das informações que traziam da Itália longínqua, quase todas se perderam com o tempo, restando muito pouco, pois, os filhos já se foram. Para alguns filhos e netos mais distantes, os avós pouco falaram da Itália distante e para outros, contaram sobre a pobreza e a difícil vida em que viviam convivendo com os rigorosos invernos a ponto de o frio cortar as orelhas e sangrar.

Diziam que era comum, na Itália, ao se reunirem para algum evento, as famílias escolherem o estábulo como local mais apropriado para permanecerem, pois o gado aquecia as pessoas do intenso inverno. Ali, se divertiam, cantando suas canções preferidas, comendo e tomando vinho.

Também não se sabe se alguma vez se comunicaram com a família da distante Itália, pois semi-analfabetos e pobres, deveriam ter enfrentados dificuldades inimagináveis no Brasil.

Contava minha avó Regina que, em certa ocasião, logo após chegaram ao Brasil, a única morada disponível na fazenda, era um velho casarão mal assombrado. Ali, a família passou noites assustadoras, ouvindo o bater de portas e janelas e utensílios domésticos caindo. Ao se levantarem pela manhã, depois do terror da noite, encontravam tudo no lugar...

Migrando por várias fazendas da região, a Família Vaccaro conheceu, no final da década de vinte, início de trinta, os futuros cantores sertanejos, ainda meninos: Tônico e Tinoco ou os Irmãos Peres como eram conhecidos. Chegaram a cantar no casamento de Silvio Vaccaro, realizado na Fazenda Paranhos (?), por volta de 1940.³¹ Conforme relato de Tia Tereza Forti, o casamento do Silvio Vaccaro ocorreu quando ela tinha apenas oito anos de idade. O que ela não esquece é que houve uma forte chuva e eles amassaram muita lama pelas estradas até chegarem à fazenda.

Outra história que a família contava era sobre o GIORDANO, irmão de ILDA, que se fixou posteriormente em Bauru (SP). Certa vez, ele, em companhia de algumas pessoas precisaram castrar um bezerro. Era necessário que deitassem-no, segurando as duas patas traseiras abertas para fazerem o serviço. Quando terminaram, uma das pessoas disse “*larga*”. Giordano entendeu que era para “*allargar*”, isto é abrir mais o corte. Quanto mais o companheiro dizia que era para largar, mais o Giordano abria o corte. Pobre bezerro, foi servido no jantar daquela noite...

Na década de 1950, ele já havia perdido totalmente (?) a audição, problema que o levou a um triste fim, pois ao caminhar pela linha do trem, quando voltava do trabalho, não ouviu o barulho, sendo atropelado por uma composição. Ou seria porque enroscou a botina nos trilhos, como contava minha avós Regina? De qualquer forma, é uma triste história...

³¹ João Salvador Pérez – Tônico (São Manuel - SP, 2/3/1917 /+13.8.1994) e José Pérez (Prátanea – São Manoel - SP, 19.11.1920), a dupla sertaneja mais famosa do Brasil, nasceram em terras de São Manuel. Em 1925, ainda meninos apreenderam a cantar *Tristeza do Jeca*, mostrando que tinham vocação para a profissão. Em 1930, trabalhavam na Fazenda Tavares (Botucatu - SP) e ouviam discos de Cornélio Pires. No ano seguinte, moraram na Fazenda Vargem Grande (Botucatu-SP) e aprendiam as letras musicais com Virgílio de Souza, violeiro das redondezas. Em 1935 fizeram a primeira apresentação profissional na Festa da Aparecidinha, Distrito de São Manuel, junto com o primo Miguel, formando o “*Trio da Roça*”. Em 1937, foram para Sorocaba tentar a vida, mas voltaram, pouco tempo depois para São Manuel, desta vez para a Fazenda São João Cintra. Até o final de 1940 trabalharam na roça e, nos finais de semana, apresentavam-se na Rádio Clube de São Manuel. Em janeiro de 1941 foram para São Paulo em busca de fama e, ao lado de Cornélio Pires, Raul Torres e Zé Fortuna, conquistaram o Brasil nos anos seguintes. Com a morte de Tônico, Toniquinho passou a cantar com Tinoco, permanecendo até os dias atuais. Mais detalhes: www.widesoft.com.br, elaborado por Paulo Roberto Moura Castro e do qual extraímos essas informações.

Quanto a surdez, o que sabemos de concreto é que é um problema de saúde de muitos da minha família. Pelo histórico, é bem possível que tenhamos herdado dos nossos noninhos algum problema genético, influenciando algumas pessoas no dia-a-dia dos nossos, nos dias atuais, pois vários deles usam aparelho ou precisarão usar.

ILDA comentava com os filhos, a surpresa de ter recebido a visita de seu irmão mais novo, muitos anos depois deles terem saído da Itália. Ela se referia ao EUGÊNIO (GÊNIO)? Tudo indica que ele também se fixou em Bauru e que ficou bem de vida com plantações de melancias. É possível que tivesse deixado esposa e filhos na Itália, pois, chorava muito de saudade dos parentes que deixou lá. Com o tempo, refez outra família aqui.

Quanto a FOSCA (GIUDITA), irmã de ILDA, é que sempre morou em São Manuel e eram avós? da Diva e do José Antonio que chegamos a conhecer.

ARCÁDIO E ILDA VACCARO: A RIGIDEZ TRAZIDA DOS COSTUMES ITALIANOS

Rígido nos costumes e nas tradições, ARCÁDIO VACCARO não permitia que filhos se casassem com quem não fosse de descendência italiana, como no caso do filho Sílvio que só se casou quando a noiva provou que era descendente de veroneses. Ensinava que quando haviam dez pessoas sentadas à mesa para comer, quem se servisse primeiro deveria lembrar-se dos outros nove, servindo-se apenas com uma décima parte da comida.

Não gostava que ninguém repreendesse seus filhos, a não ser ele mesmo. Dizia que os filhos tinham pai e se precisasse bater em um deles, era ele quem o faria. Protegia a filha Regina, uma das mais novas, diferente da mãe que defendia Maria. Como a Vó Regina não tinha tolerância ao leite enviado na roça, na hora do café, para comer com polenta, sua cunhada Romana, esposa de Jacomim, burlando a vigilância da sogra, mandava, sempre que podia, algum alimento diferente para ela. Isso era motivo de discussão, pois ILDA, sua mãe, não admitia qualquer tratamento diferente entre eles. Trabalhando de sol a sol na lavoura, a Vó Regina teve outro problema: o sangramento do nariz. Tudo indica que os problemas de saúde não fossem motivo de grandes preocupações para os pais. Isso talvez se deva à vida difícil que levaram em criar tantos filhos em meio às rudezas do campo.

Mas, falando em Vó Regina, o que eu mais gostava mesmo, era das histórias que ela contava, apesar disso não ser comum. Morando na casa da cidade, em São Manuel, próxima ao Lar “Anália

Franco”, tivemos a oportunidade de ouvi-la, na infância, eu e minhas irmãs, meus tios ainda mocinhos e alguns de meus primos, contando suas longas histórias. O local preferido era a “cozinha do porão”, como era conhecida a cozinha que ficava na parte de baixo do sobrado, pois, sentados nos bancos da grande mesa e aquecidos pelo fogão à lenha ou pelo fogão econômico, tínhamos a pipoca, o amendoim, o chá e outros quitutes, além de muita conversa. Ia desde a história de assombrações; do saci pererê que, dizia ela, quase levou meu tio Chico; e das tranças feitas nas crinas dos cavalos, depois de uma noite de muitas diabruras... Depois das tantas horas contando os “causos”, era difícil encontrar alguma criança e mesmo adulto com os pés no chão. Todos estavam com os pés apoiados no banco e com os cabelos arrepiados. Mas, havia uma história infantil que poucas vezes ela contou. Em meio a muita fantasia, tudo se passava num reino, entre camponeses, reis e rainhas, onde o amor entre a plebéia e o nobre venciam todas as charadas e obstáculos. Hoje, pouco me lembro desta história. O que sei, porém, é que ficávamos embevecidos por tudo o que nos ela contava naqueles momentos mágicos. Com quem aprendeu? Possivelmente com a mãe que, trazendo da Itália suas histórias, narrou-as aos filhos quando pequenos. Apesar de tanta rudeza no dia-a-dia, com certeza tinha muita sensibilidade na alma.

ARCÁDIO não tinha parte do dedo mínimo da mão esquerda. Ele mesmo contava que certa vez, cortando capim próximo ao tronco de uma árvore caída, uma cobra pendurou-se em seu dedo. Para que o veneno não entrasse na corrente sanguínea, apoiou sua mão no tronco, abriu bem os dedos e com o facão decepou-lhe, com a cobra ainda presa nele, ficando somente com uma falange desse dedo. Nesta situação em que poderia perder a vida, teve o pensamento rápido e muita coragem.

Sobre o filho ANGELO, sabe-se que aprendeu a trabalhar a madeira com o pai, como carpinteiro. Deu de presente à minha Tia Tereza uma carrocinha de madeira, feita por ele, que, com o tempo se perdeu.

Como todos italianos, tinham os nervos à flor da pele, por isso os conflitos deviam ser muito grandes. ARCÁDIO e alguns de seus filhos blasfemavam e brigavam muito. Um dos episódios mais marcantes, foi a briga que teve com o filho Giacomo, quando chegaram a rolar no chão, ameaçando-se mutuamente de morte.

Quanto a esposa ILDA, dizem os familiares que ela quase morreu no navio quando veio para o Brasil. Ela é lembrada por muitos familiares como uma pessoa austera, brava, carrancuda, como aparece nas fotos encontradas. Conforme relatos, era parteira e excelente cozinheira, pois nas

fazendas, quando precisavam de alguém para auxiliar em festas de casamentos, era sempre chamada. Tanto o marido como ela, eram muito cuidadosos com objetos pessoais, roupas e com a casa. Das filhas e noras, ela exigia a casa limpa, com tudo muito areado, hábito que a vó Regina levou, pois, além dos alumínios, o fogão à lenha era areado com a própria areia vinda do rio.

Por um bom tempo ILDA fez tratamento dos olhos em São Manuel, vindo a pé, da fazenda em que morava, para a cidade. Depois de casada, s lembrança mais marcante que minha avó teve da mãe, foi sua última visita num domingo. Ao ir embora para pegar o trem, ela acenou-lhe muito, até desaparecer na estrada, fato que lhe chamou a atenção, pois não era de demonstrações de carinho e afetividade. Alguns dias depois, em 23 de novembro de 1935, ela veio a falecer, vítima de infarto fulminante, com 60 anos de idade. O problema de saúde de sua mãe marcou-lhe muito, pois, das lembranças que tenho é que a Vó Regina sempre reclamava de sua taquicardia e que morreria do coração cedo. Isso não ocorreu...

Na medida em que os filhos foram se casando, a família foi aumentando. Moravam todos na mesma casa, chegando a ter mais de vinte pessoas habitando o mesmo espaço. Com os anos, porém, procurando melhorar de vida, a maioria dos filhos foi saindo das fazendas. Alguns se fixaram na própria região, outros em São Paulo (região da Lapa), e outros ainda em Cornélio Procópio (PR).

ARCÁDIO VACCARO ficou viúvo aos 64 anos de idade e, aos 71 anos, forte e trabalhador, continuava seu trabalho como lavrador na Fazenda dos PUPO, em São Manuel (1942). Morou na casa dos filhos, em São Manuel: primeiro, na casa do Giácomo, depois na casa do João e, em seguida, para a casa do Angelin. Morando com a filha Regina, casada com José Forti, o incansável noninho continuou a trabalhar na lavoura de café, acompanhando os netos Toninho e Chico, já adolescentes. Ali, permaneceu até por volta dos 80 anos, quando foi morar em Cornélio Procópio (PR), na casa da filha ANA (Nêta), casada com Joanin Mazzaro.

ARCÁDIO veio a falecer nesta cidade, no dia 26 de agosto de 1960, aos 89 anos de idade, vítima de hemorragia cerebral. Encerrava-se a história dos VACCARO da nossa família nascida na Itália.

Infelizmente, dos descendentes, espalhados por vários lugares, especialmente São Paulo e Paraná, poucos contatos temos, na atualidade, restando a quem escreve, a certeza de união pelos laços consangüíneos e o orgulho de também sermos filhos distantes da bela Itália.

CONCLUSÃO:

Estranha situação: os espaços amados nem sempre querem ficar fechados! Eles se desdobram. Parece que se transportam facilmente para outros lugares, para outros tempos, para planos diferentes de sonhos e lembranças.

Gaston Bachelard

Visitando a região das antigas propriedades de café, em Pratânea, no último mês de julho de 2011, pudemos observar que poucos agricultores se arriscam ainda na cafeicultura, apesar dos lucros certos quando a geada não castiga a lavoura.

Os campos com suas terras férteis, excelentes para o plantio do café, foi a dádiva dada por Deus à tantos *contadini* que vieram de longe. Lutando com dificuldades inimagináveis para nós, algumas destas famílias tiveram a sorte de adquirirem seus pedacinhos de terra, cultivarem, se casarem, a maioria com suas italianas, criando os filhos para a vida.

Da grande maioria das propriedades, resta o **Sítio Bela Vista**, ainda nas mãos da família **FORTI**, com produção de café e uma tulha com base de pedra, nos moldes italianos, construída por ABEL FORTI há quase cem anos. Passando depois pelas propriedades vizinhas, lugares queridos em que viveram nossos antecessores, como a de **JOSÉ FORTI** e família, vimos e sentimos com tristeza, as terras que, outrora viçosas e produtivas, dando sustento à tantas famílias estrangeiras, estão arrendadas para usinas açucareiras da região, trazendo na aparência a aridez, o abandono e a falta de reconhecimento da nossa parte. Hoje, seus primeiros proprietários já estão mortos e, as antigas casas, à beira do caminho, com suas portas e janelas escancaradas, seus quintais sem roçado, espreitam os passantes, absolutamente quietas, à espera de alguém que as transformem, trazendo o movimento frenético do passado, com seus familiares, lavradores, crianças brincando, enquanto aguardam o pão assando no forno, espalhando ao redor o cheiro bom do alecrim. Você se lembra quando o forno era varrido com vassoura feita com alecrim do campo? Entre a visão do passado, saudosista, e o olhar no futuro, quem sabe, outras famílias, outras histórias, outras possibilidades...

Esperamos que a história das famílias de **REGINA VACCARO** e de **JOSÉ FORTI** não pare por aqui, mas que sobreviva na memória dos que vivem, e seja preservada pelos que virão. Como já foi dito, muitas informações confusas e incertas em sua maioria, estavam escondidas nos cantos das

memórias de todos que tivemos oportunidade de conversar. Não importa. Essas são suas verdades. Apesar de muito fragmentadas, foram guardadas e recuperadas para nós...

MINHA INFÂNCIA

Maria Inês Forti Bassetto

Minha infância, se me lembro...

Junto dos meus irmãos e meus pais

Quanta saudade eu tenho

Do tempo que ficou pra trás.

Das verdejantes campinas

O gado manso a pastar

A água límpida da mina

Os passarinhos a cantar.

No pomar frutas cheirosas

Que prazer! Que delícia

No jardim as belas rosas

Nos canteiros, as milícias.

Ia brincar com meus irmãos

De castelos nas areias brancas

E nadar nas águas do ribeirão

Nossas alegrias eram tantas...

Pequena eu era demais

Mas a comida eu levava

Nos imensos cafezais

Que papai trabalhava.

Nas noites de frio, a mamãe

Fazia o doce de leite e a pipoca

E na sexta da paixão

O bacalhau e a paçoca.

Nas noites claras de luar

Os vagalumes dançantes

A todos eu queria pegar

Como eram fascinantes!

Como tudo era festa!
Grilos e sapos em sintonia
Varava a noite a grande orquestra
Só findava ao raiar do dia.
Em seus bordados, as irmãs
Entretinham suas horas
E meus manos entoavam
Lindas canções de viola.
As campinas não vejo mais
No lugar, que vejo agora?
São os grandes canaviais
Nada restou de outrora.
Se eu pudesse voltaria
Naquele tempo de infância
Juro, mais eu amaria
Aquela vida de criança...